

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

SUMÁRIO

COLABORAÇÃO : — **Estilo :** — Suas espécies e qualidades, *Aires da Mata Machado Filho*. — A criança e o crime, *Leonídio Ribeiro*. — A propósito do Sete de Setembro, *Francisco Floriano de Paula*. — Uma luz que se extingue, *Antônio Ribeiro Avelar*.

REEDIÇÃO : — A cooperação dos pais na obra educativa da escola, *Alcina Backheuser*. — O aprendizado da ortografia, *Alcina Lama*. — Como dirigir as aulas de leitura oral e silenciosa, *Leonilda Scarpelini Montandon*.

TRANSCRIÇÕES : — Psiquiatria infantil, *Leonídio Ribeiro*. — Comportamento emocional da criança, *Roquette Pinto*

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

Estilo: - Suas espécies e qualidades

AIRES DA MATA MACHADO FILHO

Estilo (do lat. *stilus*, estilo) era o punção, agudo numa extremidade e chato na outra, com que os antigos escreviam e emendavam em tabuinhas enceradas. Modernamente entendemos por estilo o caráter próprio que dá a suas obras o artista ou literato, graças às suas faculdades e meios de expressão. A nova aplicação é fruto de metonímia, que toma o instrumento por aquilo que ele faz. Semelhantemente dizemos de um escritor de mérito que é uma boa pena.

Adverte Augusto Magne, S. J., a propósito do étimo de estilo: "A grafia com *y*, *stylus* é errônea; procede de falsa etimologia, que pretendia relacionar o lat. *stilus* com o substantivo grego *stylos*, coluna, encôsto, apoio. Cf. Ernout-Meillet, *Diction. étymologique de la langue latine*, 1932, p. 933-934; Walde, *Etymolog. Woert. der lat. Sprache* 2, 1910, p. 738-739. E. Boisacq, *Diction. étym. de la langue grecque*, 1916, p. 922". (Princípios Elementares de Literatura, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1935, vol. primeiro, págs. 39-40). Ao português estilo "o termo grego correspondente era *graphis*", ensina Antenor Nascentes. (Dicionário Etimológico). Muito cabíveis a ponderação e o esclarecimento, pois o erro se encontra em compêndios como Teoria da

Literatura de Estêvão Cruz e até neste livro admirável que é *Ciência del lenguaje y arte del estilo* de Martín Alonso.

Os retóricos greco-latinos classificavam o estilo pelos caracteres gerais da composição em simples ou sutil, grave ou sublime e médio ou temperado. A outra classificação dos antigos, através das regiões, figura no citado livro de Martín Alonso; a saber: asiático (difuso), ático (delicado), lacônico (conciso) e rodio (abundante). (Pág. 230).

Os fatores que influem no estilo, através da concretização na obra literária, são a personalidade do autor, o público a que se dirige e o gênero literário. A cada um deles corresponde um tipo de estilo, e talvez seja essa a classificação mais aceitável, mantido o caráter de relatividade própria desses assuntos.

Depois de lembrarmos que nenhum escritor conserva sempre o mesmo estilo, até porque a plasticidade na criação privilegia os talentos superiores, mencionemos este parecer de um preceptista: "Se o substancial no estilo é o ser espiritual, a personalidade, logicamente haverá tantos estilos quantos são os escritores com sêlo peculiar inconfundível e próprio, donde ser impossível e, além d'isso inútil, sua classificação". (Dr. Manuel Cayol Fernandez, *Teoria Literaria, La Habana, 1945*, pág. 6). Não obstante, reconheçamos à classificação o seu préstimo didático.

O ponto é fazermos uma distinção indispensável. A estilística, ciência dos estilos, conforme as dominantes tendências da lingüística, diz respeito à parte afetiva da linguagem, vale dizer, aos aspectos que refogem à lógica e aos hábitos da *Lingua* comum, neutra e inexpressiva. Permite rastrear particularidades dos povos, das épocas ou das escolas literárias, já que através do estilo se afirma o íntimo da individualidade do autor estudado. Essa estilística, como a preconizam Bally, Spitzer e Vossler constitui penetrante método de compreensão crítica. No outro sentido porém, a estilística, pôsto iluminada das contribuições modernas, tem cunho normativo e, segundo ela, estilo vem a ser "o espirito artístico de uma época ou a fisionomia literária de um escritor", na conceituação de Martín

Alonso (Op. cit., pág.). Ele mesmo estabelece limites a esse cunho normativo, quando escreve:

"Em princípio, ditar regras para o estilo é tão absurdo como propô-las para composição da frase. Não se alcança essa grande virtude nem com o trabalho mecânico da assimilação das formas, nem sequer mediante o contato direto com a realidade. "O estilo — escreve Azorin — não é uma coisa voluntária, e esta é a invalidação e a inutilidade — relativas — de tôdas as regras. O estilo é uma resultante... fisiológica". Na prática, o conselho de Horácio continua de pé: "O esforço renova e aperfeiçoa o temperamento do artista". Para Buffon, escrever bem consiste em pensar bem, sentir bem e expressar-se com clareza, precisão, unidade de idéias e equilíbrio interior. O estilo, segundo Gracián, é uma das qualidades do homem perfeito. Desfruta de especial atenção em sua teoria conceptualista. Estilo equivale a engenho; talento ideal e formal, a agudeza; expressão a conceito. Considera duas classes de estilo: o natural e o artístico. Elevada simplicidade de forma e nobre clareza das idéias são as características do primeiro. Vem à memória o princípio de Saavedra Fajardo: "Elevado sem afetação e breve sem obscuridade". Se se lhe junta a verdadeira arte de expressão (no sentido de Gracián), nasce o segundo, e teremos o estilo do herói, o estilo perfeito do homem perfeito. A seu requisito intelectual e a sua técnica formal se chama agudeza. Não há arte onde não há estilo, nem estilo onde não há unidade, e a unidade é produto de uma inteligência "ordenadora".

(Op. cit., pág. 230-231).

Convenhamos em que, se o artista supera as normas, em regra delas parte para alçar o vôo. Serão as regras menos necessárias para os efeitos, para o estilista, "escritor que domina o idioma, que possui a técnica artística e que tem personalidade definida com o sêlo peculiar de sua expressão", segundo a definição de Gayol Fernandez, a qual não pode deixar de considerar implicitamente o privilégio do misterioso dom, que vem do berço. Nós outros, só proveito poderemos tirar das prescrições e proscricões, que disfarçam a me-

diocridade sem remédio. Por isso, não há progresso na ciência da literatura que tencione contrariar o préstimo pedagógico da estilística.

Com Augusto Magne S. J. (Princípios Elementares de Literatura), podemos admitir, no estilo, qualidades externas e qualidades internas. São qualidades externas: correção, pureza, propriedade, precisão, clareza, dignidade, conveniência. São qualidades internas: ordem, movimento e colorido.

A correção refere-se ao elemento gramatical e ao elemento musical da frase. Abrange a conformidade com o bom uso dos melhores escritores e compreende a harmonia, fruto da feliz disposição das palavras e das frases. Defflui de critério estético. Prescreve as melhores soluções a que chegou o impulso criativo dos mestres.

A exigência mínima do estilo, que é a correção, não pode satisfazer. Há escritores escorritos que escrevem mal. Deriva o paradoxo da atitude de quem se expressa pesadamente como se tivesse ante os olhos, a tolher o ímpeto da inspiração, as prescrições da gramática. Para êsses autores de mau gosto, que têm os clássicos sem proveito próprio e com alheio dano, a correção deixa de ser empenho para desambar em obsessão.

Outro perigoso excesso é o temor do cacófato, êsse pecado contra a correção musical ou a harmonia, minuciosamente classificado pelo pontilhoso Castilho. Má cópia de si dão os atribulados por semelhantes fantasmas. Dêles já disse o mal suficiente, em sua réplica, mestre Rui Barbosa. Carecem da tranqüilidade, sem a qual naturalidade não existe. Ainda quando empregam artificios evitadores do cacófato contrariam a naturalidade e recaem indiretamente no erro a que pretendem fugir. Não se deve pressentir o esforço para conseguir a fluência, que há de parecer coroamento natural da espontaneidade.

Essas e outras exagerações designam-se com o nome de purismo. O termo é depreciativo da pureza, conformidade do estilo ao gênio e à índole da língua. A definição dessa outra qualidade, em que a mesma correção se magnifica, mostra como o péssimo pode ser a corrupção do ótimo. E todavia convém reconhecer com Eduardo Frieiro, principalmente na aplicação às pessoas em geral que, nessas matérias, "é preferível pecar pelo excesso". Indubitavelmente, o requinte é qualidade positiva, pelo menos na intenção, ao passo que o desmazelo...

Estreita conexão vincula a propriedade, a precisão e a clareza. A propósito escreve Augusto Magne S. J.: "Têm entre si conexão muito estreita, tanto que se não podem separar: constituem três modalidades diferentes de uma mesma coisa.

"São qualidades do pensamento antes e mais que qualidades do estilo: é na inteligência que recebem sua plena realização e donde passam para a palavra.

"Tomando comparação das percepções visuais, poderíamos dizer que a propriedade focaliza, a precisão circunscreve e delimita, a clareza ilumina". (Op. cit., 53).

Consiste a propriedade na escolha de termos que traduzam adequada e unicamente o respectivo conceito. Recomenda o termo próprio e elimina o que seja vago, impreciso. Discerne e discrimina os sinônimos, outras tantas cambiantes da expressão.

Corresponde a precisão à nitidez na expressão dos elementos essenciais. Elimina superfluidades e redundâncias. Evita o pleonasma inútil, bem como o circunlóquio substituído por uma palavra só. Foge ao epíteto que nada exprime. Não vai com o estilo difuso e prolixo.

Clareza é manifestação fácil do pensamento, através de expressão luminosa e transparente. Opõe-se-lhe o termo obscuro ou incompreensível, a ambigüidade ou imprecisão.

Falta sempre onde não existe clareza nas idéias peculiar ao desconhecimento do assunto versado.

Há dignidade quando se mantém o respeito devido às leis que regem o decoro da palavra. São-lhe infensos o plebeísmo e a vulgaridade. O preciosismo e o maneirismo são o fruto da sua exageração.

Finalmente a qualidade chamada conveniência reside na adaptação perfeita do estilo ao assunto, como as circunstâncias de tempo, de lugar e às pessoas que formam o público.

Do mesmo autor citado vamos tirar, textualmente, as definições que bem caracterizam as qualidades internas do estilo. "A ordem é a qualidade literária fundamental, é a realização da unidade literária, isto é, a convergência de todos os meios literários para a finalidade ou meta que o autor toma de mira. — Movimento, calor, vivacidade ou cópia do estilo é a qualidade que penetra a idéia e a palavra de vida e de interesse. — Colorido é o concurso de fatores concretos, ministrados pela fantasia, quais são termos pinturescos, comparações, imagens, alegorias, etc., que têm a virtude de tornar mais acessíveis abstrações do espírito, transmitindo-as à inteligência por intermédio da imaginação". (Op. cit., 68-70).

No mesmo plano podemos aludir à originalidade, à naturalidade e à conformidade com o tema, que são caracteres essenciais do estilo. Entre eles, sobressale a originalidade, que se não confunde com a extravagância. É qualidade que se perfaz naturalmente, nunca procuradamente, como corramento de prolongado esforço, aliado ao dom que vem do bérço. Concretiza o dificultoso resultado da "inspiração e da transpiração", a que aludiu Edson em referência ao gênio, ampliando "longa paciência" do conceito de Buffon.

Leia-se agora o que escreveu Augusto Magne S. J. acerca das qualidades externas do estilo, emitindo conceitos também aplicáveis às qualidades internas: "Esses dotes se

fundem e compenetraram de tal maneira, que só a abstração teórica os pode discernir". Círia-se pois a fins didáticos o verdadeiro alcance de tais conceituações. Não permitem a penetração no texto nem tampouco ensinam escrever. Enfronham o estudioso no vocabulário da teoria da literatura. Valem esses conceitos, unicamente, como introdução a estudos profundos que se fazem da ciência e da arte literárias, à luz dos princípios que regem os esclarecimentos e as conclusões da estilística moderna.

A criança e o crime

LEONÍDIO RIBEIRO

Até fins do século passado, os juristas da escola clássica elaboravam códigos, que se resumiam numa lista de dispositivos procurando definir os crimes e catalogar as penas e os castigos respectivos. O delito era uma entidade abstrata... Foi quando apareceu um médico de gênio, chamado Cesare Lombroso, que começou a medir crânios de delinquentes e analisar seus tipos físicos, com o fim de classificar os diferentes criminosos. Estava criada uma nova ciência: a Antropologia Criminal. Com ela se pretendia explicar o delito como consequência de atavismo ou de doenças graves, tais como a loucura moral e a epilepsia.

Nasceu então a idéia fundamental de se realizar uma reforma radical das ciências penais e do regime das prisões, desde que o delito passou a ser considerado como um fenómeno natural e social. Para isso era preciso estudar a personalidade do autor do crime, analisando, em cada caso concreto, as condições em que o individuo é levado a praticar a ação anti-social. O delito não devia ser encarado, portanto, isoladamente como uma infração da lei, desde que era a consequência de manifestações íntimas da estrutura orgânica e psíquica de cada individuo. O importante era estudar a pessoa do delinquent, pois só assim seria possível conhecer as razões que o levaram a cometer um crime. Este novo capítulo que Lombroso chamou de Biolante, do delinquent, deu origem a novas idéias de que surgiu a Criminologia, ciência que visa, antes de tudo, a estudar não só o crime como o criminoso, para descobrir as causas e as

origens dos delitos, e a escolher os meios mais adequados à defesa e proteção da sociedade.

O que importa, acima de tudo, não é, pois, saber até que ponto o individuo pode ser responsabilizado por seu crime, mas apenas o maior ou menor grau de temibilidade de cada delinquent, no interesse da defesa da sociedade. A pena não deve ser aplicada a título de castigo, mas como recurso indispensável ao afastamento do individuo do seio da comunidade, a fim de ser possível tratá-lo, convenientemente, para que ele possa, afinal, voltar, recuperado, ao seio da sociedade.

Eis porque a moderna Criminologia não pode mais hoje dispensar a colaboração da Medicina, provado como está que grande parte dos habitantes das prisões é constituída de doentes e anormais, levado à prática das reações anti-sociais, em consequência de suas anomalias físicas e morais. Daí a idéia original de Lombroso, hoje aceita por todos os autores, de que existe, em certas pessoas, uma tendência para o crime, que se revela, desde a primeira infância. Estava aberto o caminho para se conseguir a prevenção do crime. Em algumas crianças doentes ou anormais, é possível reconhecer os futuros criminosos, pois já na primeira infância ou na puberdade aparecem os chamados "sinais de alarma" de suas tendências anti-sociais, de natureza morfológica, funcional ou psíquica. Estudados precocemente à luz da ciência médica, é fácil descobrir os predispostos ao crime. São os chamados menores-problemas, muito frequentes entre os que estacionam no limite do normal e do patológico e são chamados, por isso mesmo, de "fronteiriços". Para estes casos se pode contar hoje com preciosos recursos técnicos da Medicina Pedagógica, emendativa e da Pedagogia corretiva que dispõem de meios adequados para remover grande parte dos perigos e inconvenientes de tais crianças, quando abandonados ao seu destino.

Citaremos certos exemplos de distúrbios físicos da infância que podem ser reconhecidos desde logo, por médicos psiquiatras especializados, a fim de surpreender e corrigir as tendências e predisposições naturais de certas crianças

para o crime. Aqui é preciso destacar, desde logo, a contribuição decisiva da herança. Os filhos dos sífilíticos, tuberculosos e alcoólatras, são os que pagam maior tributo, e as estatísticas neste ponto, são uniformes e eloquentes.

Duas são as doenças que devem ser referidas, como fatores do desenvolvimento do fenômeno da criminalidade infantil. A primeira delas é a epilepsia. As convulsões infantis, quando acompanhadas de perda do conhecimento, têm o valor do ataque epiléptico do adulto, porque atinge o encéfalo e deixa vestígios que se traduzem por conhecidos síndromes neuro-psíquicos. O diagnóstico da epilepsia é fácil de ser confirmado pela electro-encefalografia, mesmo na ausência de ataques. Estes doentes são obrigados a abandonar as classes comuns, e, não podendo ser internados em estabelecimentos pedagógicos especiais, vão para as ruas, tornando-se vagabundos, para acabar no vício e na prática de pequenos delitos que os levam, afinal, à criminalidade habitual.

As encefalites infantis também devem ser estudadas como elemento freqüente na história dos menores fadados ao crime. Em tôdas as infecções agudas da infância, podem aparecer sintomas de encefalite, especialmente na disenteria, tifo, coqueluche, sarampo, gripe e difteria, síndrome grave que chega a lesar os centros nervosos, deixando lesões e vestígios, tais como movimentos coreicos, enfraquecimento intelectual progressivo cuja evolução é sempre caprichosa e imprevisível.

O crime está na dependência imediata das condições íntimas da personalidade de cada indivíduo. Existe estreita correlação entre a delinqüência infantil e certas anomalias e doenças mentais. A enurese noturna, quando se prolonga depois dos cinco anos de idade, os fenômenos de sonambulismo, os terrores noturnos, são sinais que explicam certas manifestações anormais do comportamento da criança. Nas prisões de França, as estatísticas demonstram que trinta e quarenta por cento dos menores criminosos urinam na cama, de noite, até a idade da adolescência e da puberdade.

Na Itália, recentemente, a prática sistemática da radiografia do crânio dos criminosos de tôdas as idades demonstrou que metade dos adultos e vinte por cento dos adolescentes apresentam sinais de lesões dos meninges e do tereiro ventrículo, assim como hipertensão craniana e calcificação dos plexos coróides e das glândulas pineais.

Estas crianças perversas, mentirosas, insubordinadas, violentas, impulsivas, intrigantes, caluniadoras, que fogem de casa e abandonam a escola, para viver na rua e na vagabundagem, entregando-se à prática de pequenos roubos e outros delitos é que vão constituir a massa de onde saem os criminosos incorrigíveis que enchem as prisões.

O papel do médico e do psiquiatra é, pois decisivo na solução do problema destas crianças predispostas ao crime, por suas doenças ou síndromes mais ou menos graves e mais ou menos conhecidas. É preciso surpreender tais anomalias e distúrbios desde a primeira infância para tratá-las de sorte a ser possível realizar a readaptação destas crianças no ambiente social. Para isso, é preciso contar com a colaboração dos pais e educadores, que são os melhores artifices desta obra de tamanho alcance para a coletividade. A reeducação psicomotora, a ginástica rítmica, os trabalhos manuais, os métodos pedagógicos especiais, o tratamento médico e psíquico, eis os principais fatores de recuperação destas crianças fadadas ao crime, quando abandonadas a seu próprio destino.

A sociedade não pode continuar indiferente ao futuro de tantos elementos humanos que poderiam ser aproveitados, dentro da coletividade, e que irão encher os manicômios e as prisões, para constituir, péso morto na vida econômica dos indivíduos normais que trabalham para o bem comum. Precisamos substituir a idêia anacrônica dos castigos e das penas pelas medidas de proteção e defesa da sociedade, dando educação e assistência médica a todos êsses menores doentes e abandonados, a fim de que não se transformem, para sempre, em criminosos incorrigíveis. A Criminologia há que utilizar na campanha de prevenção do deli-

te as últimas conquistas da Medicina, da Psiquiatria e da Psicologia.

Os juristas e legisladores precisam convencer-se, por outro lado de que a noção de responsabilidade moral é muito relativa. Tôda manifestação da vontade humana, isto é, o seu comportamento, está na dependência íntima de fatores somáticos e psíquicos, e estes variam, em cada indivíduo e em todos os momentos, com as condições do equilíbrio instável de sua saúde física e mental.

Ao critério jurídico puro que só tem permitido ate agora a repressão e o castigo dos criminosos, devemos preterir o critério social e humanitário que visa, antes de tudo, proteger o homem delinqüente, ao mesmo tempo que defende os supremos interesses da coletividade. Pode-se hoje afirmar que é possível, em muitos casos, descobrir o criminoso antes do crime.

A Propósito do Sete de Setembro

FRANCISCO FLORIANO DE PAULA

A meu filho,

*Luiz Carlos Carneiro de Paula, quando aluno n. 640
4ª Companhia, Colégio Militar, Rio de Janeiro.*

Meu filho: chegaste tarde para o desfile. Muitos contingentes já se deslocaram, abrindo caminho para os vencedores. Verás nesta radiosa manhã de Sete de Setembro apenas uma parte do Brasil de hoje. A frente vem marchando a juventude de nossos estabelecimentos militares, força coordenadora de todo um sistema de forças. Teu Colégio traz no uniforme bizarro um mundo de evocações para os que conhecem a evolução de nosso organismo militar: a barretina colonial, substituindo no momento o gôrrô americano, lembra a origem perdida nos velhos quadrados de soldados portugueses; a túnica branca, ajustada, de tipo germânico, recorda a forma, o sistema marcial prussiano; a calça garança, no vermelho vivo com listas de côr azul-turqueza, evoca o espírito do soldado francês, as suas glórias na vitória ou na derrota. As escolas militares vêm mostrar o que seremos como força. A aeronáutica apresenta pouca gente, justificando o dito de Churchill: "nunca tantos deveram tanto a tão poucos". A marinha ostenta a gravata preta, eterno luto pela morte de Nelson. Depois o exército, com o Regimento Sampaio a carregar nas mochilas as glórias de Monte Castelo.

E em volta de nossos soldados, comprimindo-se ao longo das avenidas amplas, imensa multidão, de homens, mulhe-

res e crianças. À passagem da Bandeira, mantida bem alto pela dignidade cívica de inúmeras gerações, o sangue ferve nas veias e os músculos se agitam em palmas. É o gesto de um Brasil que ainda resta, e que se mantém, e ainda se comove até às lágrimas. Parece que só funciona o coração, motor do sangue que é raça. A cabeça oscila para a direita e para a esquerda, ao sabor de ideologias, movida pelo agitador, que lhe desvia o olhar da Bandeira, que é liberdade, para o fundo da noite, que é escravidão. E as vozes surdas se sucedem a cada estrépito de palmas. — "É um absurdo! Quanta gente inútil! Quanto dinheiro desperdiçado! Seria melhor que o governo desse casa e pão ao povo!" Do meio da turba indecisa um paisano, que ainda tem coragem de ser patriota, crava no agitador um olhar de dura reprovação; mas logo esfria, porque o agitador colhe em torno gestos de solidariedade, num mexer da cabeça que vai do coração ao estômago.

Chegaste atrasado para o desfile, meu filhinho. Para que esta Bandeira signifique personalidade de uma Nação, panejando ao vento viva e gloriosa, muitos contingentes precederam a estas forças disciplinadas e brilhantes, garbosas em seus uniformes, modernas em seu equipamento.

Os batedores foram alguns portugueses seguidos de índios e negros. À frente vinha o João Ramalho, cercado de filhos; ao lado o Diogo Álvares, "mui prezado de ser Cara nuru"; e mais o Martim Afonso com os donatários; no meio dos índios, caminhava Anchieta, sorridente, alçando uma cruz.

Tropas de Mem de Sá e de Jerônimo de Albuquerque passaram sobraçando troféus franceses, recolhidos nas duas Françaes frustradas — a Antártica e a Equinocial.

Novo agrupamento surgiu depois, mais bem organizado: à testa o bispo D. Marcos Teixeira e Matias de Albuquerque, seguidos do estado maior de João Fernandes Vieira e dos regimentos de André Vidal, Henrique Dias e Camarão. Celebravam a expulsão dos holandeses do Brasil.

Homens barbudos de botas altas e chapéus largos, en-

punhando bacamartes, ostentando bandeiras, uniformes róticos e cheios de pó, comandados por Fernão Dias, passaram em desordem, como se ainda estivessem a desbravar o país, levando para os Andes as fronteiras do Brasil. Um pouco à retaguarda marchava garboso, disfarçado em General Rondon, um autêntico caboclo do sertão.

Grupos em desordem, a intervalos, armados de instrumentos primitivos, — cacetes, facas, chufos, adagas, garruchas, mosquetes — racetavam os que se sentiam verdadeiros donos da casa. Manoel Békman, Amador Bueno e Bernardo Vieira de Melo vinham chefiando homens do Maranhão, Minas, S. Paulo e Pernambuco. Fechando o cortejo, atado à cauda de um cavalo, Felipe dos Santos.

Depois um grande vazio, um grande silêncio. Nenhuma tropa, nenhum ruído, como se a parada vitoriosa houvesse terminado. Ao longe, porém apareceu um vulto esguio, suspenso no espaço, fitando o céu. Era Tiradentes, sózinho, incompreendido. Erguia-o acima da terra, levando-o para o céu, um sonho, que não é independência que todos entendem, pelo aspeto político, mas liberdade, que nem todos compreendem, no sentido humano e universal. E passou para o futuro, balbuciando — liberdade, igualdade, fraternidade, república enquanto o povo soletrava em volta — independência, reino, coroa, império.

A presença de Tiradentes deixou o povo abortido, calado. Ao tropel de cavalos, o ruído de carruagens desperitou-o. Desfilava o Príncipe d. João com os fugitivos da Europa, dando um tom festivo ao ambiente. Uma bandeira do Reino Unido passou conduzida por soldados portugueses e brasileiros, arrancando entusiasmos à multidão. Mas o cortejo dobrou uma esquina, desapareceu, mantendo o roteiro da tropa em parada um moço de 22 anos, o Príncipe d. Pedro. Percebendo que ficara só, deteve o corcel, atirou o laço das cores portuguesas ao chão, virou-se para os dragões de sua guarda pessoal, gritou — "Independência ou morte!" — e continuou o desfile, com uma nova bandeira, verde-amarelo, enquanto das arquibancadas, or-

gulhosos, o velho José Bonifácio e a Princesa Leopoldina apontavam-lhe o destino de um grande império.

A nova bandeira era conduzida por Caxias. Esta missão lhe foi confiada por 55 anos a fio, e ele a transportou pelos recantos e pelas fronteiras da Pátria, abrindo-lhe o caminho com a espada e fechando-o sempre com o coração. Seus soldados envelheceram com ele nessa marcha triunfante; e os vinhos passar, velhos e crianças, com o pó das lutas internas e o sangue das guerras do Prata, num longo desfile, demorado, em que só se ouvia um nome — Caxias.

Veio depois compacta multidão de negros, tendo José de Patrocínio à frente. Cantavam — somos livres! — e o povo atirava-lhes flores. Era um pedaço que estava fazendo ao Brasil.

Desfila a seguir nova tropa, luzida, comandada por Deodoro, de boné na mão, tendo ao lado Benjamim Constant a lhe segredar qualquer cousa aos ouvidos.

Certos distúrbios desorganizaram por algum tempo o desfile; mas Floriano Peixoto meteu paisanos e soldados em forma e a marcha para o futuro retomou o ritmo e a cadência, justificando o lema recém colocado na bandeira auri-verde — Ordem e Progresso.

Em carro alegórico passaram dois vultos — Rio Branco, traçando com o coração as linhas de nossa fronteira, e Rui Barbosa, transpondo com a inteligência as lindes de nossa terra.

No seio da multidão uma voz se levantou. E, quando Bilac gritou — Moços do Brasil! — os Tiros de Guerra, com João Gualberto, e os escoteiros, com o Velho Lobo, romperam a marcha que tantas saudades deixou nos corações... “Nós somos da Pátria amada...” — “Rata-plan do arre-hol...” — e as canções se perderam além.

Desfilaram depois os que lutaram em 22, 24, 30, 32. Tenente feito general, pela ação, general feito tenente, pelas idéias. E todos com a mesma aspiração — consertar o Brasil. Os 18 do Forte ainda vão marchando com o Brigadeiro.

Um cordão de isolamento foi estendido pela Polícia

Especial para conter o povo. Mas surgiram os praticinas da FEB e o povo pôde comungar com os nossos soldados o corpo e o sangue de um Brasil retornado a seu destino.

Agora poderás ver o garbo e a disciplina dos soldados de hoje.

Por quatro séculos homens de origem e raças diferentes deram corpo e alma à nossa Pátria, para que seus descendentes mantivessem a herança de uma terra livre. Da unidade do todo, pelo domínio das dissensões internas, à conservação do patrimônio, pela vitória contra os conquistadores, nossa gente tem sabido honrar o legado de seus maiores, engrandecendo-o elevando-o.

Atualmente não temos em volta quem nos acutile os flancos obrigando um Antônio João a escrever — “Sei que morro...”, levando um Caxias a gritar — “Sigam-me os que forem brasileiros!”, ou um Floriano a responder lacônico — “À bala!”. Não há perspectivas para que a nação inteira se abale a uma luta externa.

Todavia há uma luta interna muito mais séria e muito mais dura que as vicissitudes de um choque com outros povos. Mais séria, porque seus efeitos já comprometem nossa situação de povo independente; mais dura, porque se trata de um combate às nossas tendências e à nossa ignorância. Deixamos que muitas gerações crescessem entregues ao próprio destino, vivendo em face de gerações que descerciam entregues ao desânimo e ao conformismo. Ante a falta de confiança nos homens e nas cousas do Brasil, solapados os que ainda se conservam dignamente de pé, ridicularizado o que ainda temos de bom, lançam os moços seus pensamentos e corações para fora da Pátria, uns em busca de seus exemplos de civismo, porque não sonham senão com a liberdade, outros à procura de mostras evidentes de chefia, porque não querem senão a servidão. Esta descrença no Brasil é já um passo largo para a dependência, para o domínio estranho. O homem que não encontra mais em seu coração forças para querer, nem na inteligência conceitos para opinar, é já um homem sem pátria. De nada vale que ostente uma bandeira nas mãos, para que os outros

a vejam, se não traz uma bandeira no coração, para que todos a sintam.

A independência de um povo é a soma da independência dos indivíduos que o formam — independência moral pela firmeza de caráter, independência espiritual, pelo equilíbrio da inteligência, independência física, pela saúde do corpo, independência econômica, pela capacidade de trabalho. Mas sobretudo, independência pelo espírito de solidariedade e cooperação nos destinos comuns, fazendo de toda ação um trabalho para o Brasil, crescendo para que ele cresça, enriquecendo-se para que ele se enriqueça, elevando-se moralmente para que ele se erga em virtudes e sentimentos.

Vivemos hoje dias de atribulações e de angustias. Em nossa vida de cidadãos temos medo de emitir idéias e pensamentos, para que se não entre choquem com conceitos e formas colhidas em vidas e regimes estranhos. Essa covardia cívica acabará por exigir que outro português arranque da espada e nos grite: — Ó raios! Isto afinal, é ou não é independente?" — E que outro Caxias erga de novo a Bandeira e a conduza por mais 55 anos, tempo bastante para darmos uma consciência cívica aos nossos homens.

Es ainda muito jovem e vives em meio bem orientado. Mas certamente ouvirás a cada momento palavras de desalento e de incredulidade, lançando em tua alma o vírus da incapacidade para a ação. Em tua própria constituição encontrarás germes de dissociação pela presença de más tendências. Para que sejas digno da independência de nosso povo e possas orgulhar de ter nascido nesta terra, é necessário que abras em teu coração um Ipiranga vivo, consciente e forte, de modo que o brado que venha a ouvir esteja em perfeita sincronia com o batido que mantém a vida.

Por teu coração, mercê da modesta origem de tua mãe, corre o sangue de quem morreu pela Pátria, não em choques externos, mas combatendo forças que vinham minando a Nação. Na Lapa, do sofá, que seria seu leito de morte, Gomes Carneiro, defensor da República, sitiado, sem reser-

vas nem munições, só tinha um-a palavra como ordem de comando — Resistir!

Nestas horas incertas que vivemos, é preciso que esta voz ressoe continuamente em teu espírito, para que presentes em todos os instantes de tua vida a grandeza moral, a coragem cívica e a energia construtora indispensáveis à independência do Brasil.

Resiste, meu filho!

Teu pai,

FLORIANO.

Uma voz que se extingue

ANTÔNIO AVELAR RIBEIRO

Quando se deu o falecimento de Noraldino Lima, perda que tôda Minas lamentou, o inspetor regional, sr. Antônio Ribeiro Avelar, dedicou à sua memória a página de saudade que estamos reproduzindo. Figura exponencial da intelectualidade mineira, Noraldino Lima ocupou no Estado postos de relêvo, revelando sempre, no desempenho de todos êles, brilhante e variada cultura e alto padrão de espírito público. Foi um grande amigo desta revista, quando Secretário da Educação.

Se houve uma criatura que, em verdade, soube dignificar e enobrecer o sentido da existência humana, essa criatura foi Noraldino Lima, o cidadão exemplar que, faz poucos dias, deixou o rol dos que vivem neste século sombrio e desassegado.

Em meio aos ziguezagues desta quadra, quando os homens se rebelam contra os princípios mais caros da nossa destinação espiritual, o desaparecimento de Noraldino Lima provoca estremecimentos profundos nos alicerces da nossa estrutura política e social.

A personalidade inconfundível do inolvidável mineiro há-de, por sem dúvida, constituir um exemplo e uma lição, tais foram os ricos predicados morais que a singularizaram, tantos foram os primores da sua privilegiada inteligência, tudo isso em função do engrandecimento da nossa terra e da nossa gente.

Foi o mais forte de todos os combatentes que hei conhecido. Iniciou muito cedo o seu sacrificativo labor. Ainda criança, ficou sem mãe, quer dizer, ficou sem luz e ficou sem arrimo. Deixou a cidade natal e caminhou pelo mundo agora, a trabalhar e a sofrer. Sôzinho, andando por caminhos cheios de atoleiros e de despenhadeiros, não tardou, porém, que galgasse o cimo da montanha.

De professor rural em seu município empôs crespos obstáculos, escalou todos os postos da carreira e atingiu ao cargo de Secretário de Educação de Minas, posição que exalçou e honrou como raros o têm feito. A sua passagem pela Secretaria de Educação ficou assinalada por um conjunto de realizações de que só um Noraldino Lima, com aquela invulgar capacidade intelectual e moral, poderia ser capaz.

Político, que começou como vereador à câmara de Belo Horizonte e terminou como Interventor de seu Estado, em momento delicado e difícil da nossa história, nunca teve deslizes, nem curvaturas. Honrado, justo, leal, diligente, sereno, sem ódios e sem rancores, deixou o Governo maior do que entrou.

A' época, — não é demais que se ressalte, — os espíritos entenebrecidos, alguns afoitos e imoderados criminosamente atiraram-lhe pedras. Mas, ao fim da sua magistratura, em um gesto da consciência coletiva de Minas Gerais, flores e mais flores, cobriram e perfumaram sua cabeça.

Ocupou todos os cargos eletivos e de confiança da administração e como parlamentar e administrador se notabilizou pela probidade, pelo equilíbrio, pelo senso de justiça e pelo amor ao trabalho. Deputado à Assembléia Estadual e à Câmara Federal, revelou suas qualidades de inteligência, de cultura, de ética parlamentar, em suma, de brilhante legislador.

Além de educador, de político, de administrador e de parlamentar, em que tanto se distinguiu, Noraldino Lima era primoroso homem de letras: escritor, jornalista, orador e poeta. E, dificilmente, se pode dizer em qual dêesses rumos foi mais completo.

Não cabe, na estreiteza dêstes comentários, um estudo

de individualidade eminente que o Brasil perdeu, na madrugada escura de 30 de novembro. Cumpre-me, todavia, encerrando esta página, escrever algumas palavras sobre o seu enorme coração.

Criatura de refinada fidalguia, esbanjou, perdulárimamente, as suas bondades. Estimulou inteligências, prestigiou vocações, amparou aflitos, perdoou ofensas e injúrias. Nasceu para ser bom, para exaltar os humildes, para estancar lágrimas dos que tinham desencantos e desesperos.

A sua memória suscita uma grave advertência aos homens poderosos que aí estão. Que o seu magistério de sacrifícios, de canseiras, de generosidade, de doçura, de vitórias, de poesia e de perdões afervore o espírito daqueles a quem incumbe, em instante tão atormentado e tão farto de materialismo, exercer a missão de resguardar, em terras do Brasil, as nobres e excelsas tradições cristãs e republicanas da querida gente brasileira.

REEDIÇÕES

(Insistentes têm sido os apelos que recebemos do professorado mineiro, para que reedite esta Revista publicações feitas há tempos, não só sobre orientação doutrinária do ensino, como sobre atividades e instituições complementares da organização escolar. Procuraremos atender esses reclamos na medida do possível, o que passamos a fazer com esta reprodução).

A Cooperação dos Pais na Obra Educativa da Escola

ALCINA BACKHEUSER

“Na verdade, nunca como nos tempos presentes se discutiu tanto acerca da educação; por isso se multiplicam os mestres de novas teorias pedagógicas, se excogitam, se propõem e discutem métodos e meios, não só para facilitar, mas também para criar uma nova educação de infalível eficácia que possa preparar as novas gerações para a suspirada felicidade terrena”.

Introdução da Encíclica de S. S. Pio XI — *Divini illius magistri*.

Um rápido perpassar de olhos por estes três ou quatro últimos decênios da pedagogia em confronto com os anos anteriores nos mostra, conforme assinala Ellen Key, que atravessamos o “século da criança”.

Para os pequeninos, para aqueles que, no futuro, serão compatriças dos destinos da pátria e da humanidade, im-

primindo-lhes, quiçá, orientação nova e salutar, voltam-se as esperanças da maioria dos países.

Depositária, em todos os tempos, das aspirações dos povos, nunca, como na atualidade, pôde a criança — escriptorio da esperança universal — despertar, por parte dos que vêm incumbindo de educá-la, tão metucioso cuidado, tão grande habilidade, tanto estudo e tanta experimentação.

É que, entre outras razões, a tarefa de educar não encerrava cabedal científico. Baseada apenas na observação e na prática imergia no oceano do empirismo.

A ação educativa da escola terá, pois, de, em benefício do aluno, ir buscar o amparo e o auxílio do lar doméstico. Só assim, isto é, só depois de irradiar até aí as luzes de seus conhecimentos, poderá envolver a criança em claridade uniforme propicia ao crescimento integral que lhe deseja facultar.

A conjugação de esforços entre a escola e a família impõe-se, por conseguinte, como uma importante medida de progresso educacional. Mas, para essa conjugação de esforços, pais e mestres terão necessidade de entendimento freqüente e acôrdo absoluto.

No intuito de facilitar e garantir essas duas condições imprescindíveis, criou o regime escolar moderno uma instituição utilíssima denominada Associação dos Pais e Mestres, Associação dos Amigos da Escola, ou, como entre nós, Circulo de Pais e Professôres. Tal instituição — verdadeiro traço de união entre a escola e lar — tem tido ampla divulgação e grande desenvolvimento em todos os países vanguardeiros do movimento educacional.

O estudo dêsse intercambio entre a família e a escola, ou melhor, o estudo dos Circulos de Pais e Professôres na organização escolar do Distrito Federal será, essencialmente, o objeto da presente tese.

Foi o Dr. Carneiro Leão, quando diretor da Instrução Pública, quem, no Distrito Federal, primeiro cogitou do problema.

A título de estudo e por sugestão sua, fundaram-se, aqui, sem solução de continuidade, na escola Mitre, na Césario

Alvim e na Escola Rosa da Fonseca, então sob nossa regência, as primeiras associações dêsse gênero.

Pensava o então diretor da Instrução Pública em obter a aproximação entre o lar e a escola por intermédio das mães e, por essa razão, denominaram-se *Circulo de Mães* as agremiações escolares que tinham por fundamento intercambio com a família.

Na administração seguinte, o Dr. Fernando de Azevedo ventitou mais arejadamente o problema, atribuindo a pais, mães e professôres a nobre tarefa de confraternização em tôrno da vida escolar. Surgiram assim os *Circulos de Pais e Professôres* de cujo regulamento se incumbiu a própria diretoria da Instrução Pública.

De um modo geral, pode-se afirmar que os Circulos de Mães da Administração Carneiro Leão não deram o rendimento que fóra de esperar e a conclusão análoga quase que se pode chegar com relação aos atuais Circulos de Pais e Professôres.

A que se deverá atribuir êsse resultado periclitante? A um defeito da engrenagem administrativa da instituição? A uma compreensão má da finalidade dêsse empreendimento? Nesse caso, a responsabilidade deverá caber aos pais, aos professôres ou à Diretoria Geral do Ensino?

A prefixação num regulamento para todo o Distrito Federal, das diretrizes do Circulo e de suas normas administrativas, ou o desconhecimento dos verdadeiros objetivos da instituição, quer por parte da família, quer, mesmo, por parte das professôras, têm sido, ao que observamos, os entraves mais sérios ao êxito natural dos Circulos.

Vejamos minuciosamente o caso:

O número reduzidissimo de Associações de Pais e Professôres no Brasil nos é afirmado pela última estatística do ensino primário relativa ao ano de 1932.

Assim:

para 26.924 estabelecimentos que, em território nacional, ministram o ensino primário, ou sejam 20.433 es-

colas públicas primárias, e 6.491 escolas particulares, existem:

50) *Associações de Pais e Professores* sendo 469 esta duais e municipais e 40 particulares.

No tocante, exclusivamente ao Distrito Federal, das escolas mantidas pela Municipalidade somente em 506 existem 181 Círculos de Pais e Professores.

Isto quanto ao número de Associações, porque, com relação ao seu funcionamento, no que diz respeito, ainda, ao Distrito Federal, os gráficos e as estatísticas de frequência dos sócios ou de seus empreendimentos de natureza prática ou de ordem moral — se tais documentos houvesse — viriam provar que, com raras e brilhantes exceções, o resultado não é também animador.

Assentado assim o problema e conhecidas as causas prováveis de sua ineficiência, vejamos como seria, talvez, possível remedá-los.

A lei do interesse fundamental, exigida na educação da infância, preside também, é óbvio, a educação do adulto. Se a escola deseja entender até o recesso do lar o seu âmbito educacional, terá, antes de tudo, de lançar mão do interesse — elemento primordial, como já ficou dito, de toda e qualquer obra do ensino. Todavia, antes de fazê-lo, terá que definir nitidamente a seus próprios olhos, aquilo em que deseja interessar a família. Pretende interessá-la num movimento recreativo da escola? Organize-o então. Faça-a sabedora de tudo; peça-lhe sugestões; convide-a a assistir aos ensaios, as festas, às representações, às sessões de música. Mas, se diretamente quiser a participação da família no plano geral da educação do aluno, evite trilhar, de modo exclusivo, o caminho dos saraus literos-musicais, dos festivais e das partidas recreativas. Conduza os pais, de preferência, no rumo da escola.

Faça-lhe a apresentação dela em sua vida normal. Co-

munique-lhes os seus projetos; dê-lhes ciência de seus empreendimentos, singelos, sem encenação nem preparo, como todos os dias, como se faz sempre.

Há tanta realização interessante numa classe que trabalha, tanto progresso a assinalar, tanto esforço a pôr em relevo, tantos desenhos e modelagens e construções, feitas pelas crianças, a apresentar, que bem fácil se torna uma pequenina “demonstração de força” dos legionarizinhos da escola.

“É” preciso conhecer para poder amar”, já dizia com verdade axiomática o padre Antônio Vieira. Conhecido o trabalho das nossas boas mestras poucos o deixarão de apreciar e de lhe guardar dentro d’alma uma veneração especial.

Será por ventura isto, este pedagógico emprêgo de interesse, o que se tem feito até agora nas relações entre o lar e a escola?

Penso que não, porque o entendimento com as famílias começa sempre pela organização de um Círculo de Pais, de acordo com o regulamento, com uma diretoria composta de presidente, secretário e tesoureiro. Convidam-se para ocupar tais cargos os elementos mais representativos entre os pais dos alunos. Terão eles tempo para se desempenhar de suas funções do Círculo? Sua capacidade moral está à altura do nível intelectual a que, por ventura, se alçam?

Moralizados e inteligentes, terão da escola a compreensão necessária para lhe dar boa-vontade e esforço? Quem o poderá saber?... Só no decorrer do mandato se vêm a conhecer os mandatários. Então, das duas uma: ou o pai, presidente, secretária ou tesoureiro, não liga importância ao Círculo, ou liga demais e se arvora em “mandão” intolerável, querendo imiscuir-se na vida das classes e orientar o ensino conforme o seu critério pessoal. Não raro se dá ainda uma terceira hipótese: o pai autoridade do Círculo, tendo possibilidade franca de externar o seu pensamento, fá-lo de modo às vezes deplorável, investindo contra as autoridades do país ou do ensino, ou criticando de público métodos, como pôr exemplo os da pedagogia nova, adotadas pela escola e reconhecidos como de valor em todo mundo civilizado

Que se vê ainda nas assembléias de Círculos de Pais? Sessões, em que às vezes, professores de valor, em linguagem simples, dão conselhos utilísimos a dois ou três pais (ou mães) e a um bom número de cadeiras vazias, ou em que oradores massudos são ouvidos também, por idêntica minoria de pais e a mesma enorme maioria de cadeiras sem dono. Frequência boa, ou melhor, enchente a cunha só quando a escola, para atrair número, qualquer que seja, se dispõe a transformar gratuitamente as sessões em espetáculos de cinema, teatrinho, ou de bailados clássicos e ultra-modernos...

Justamente o inverso daquilo que a prática mostra como sendo necessário e que, desde 1928, vem recomendando entre nós o fundador da *Cruzada em Prol da Escola Nova*... Nada de estatutos ou regulamentos: para começar, aconselha-nos a experiência, cordialidade apenas. Uma palavrinha gentil à mãe que vem buscar ou trazer o filhinho. Uma informação a respeito dele; um convite para vir à sala de aula, para assistir a "lição". Um bilhetinho acompanhando um trabalho que revele progresso ou boa-vontade e, desde que se apresente oportunidade, uma visitinha amável à família. Depois, quando já for grande o número de consultas e pedidos de informações, dia e hora marcados para isso, semanal, quinzenal ou, de preferência, mensalmente. Tais reuniões, neste último caso, darão ensejo a pequeninas exposições pedagógicas da classe, a comemorações de vultos cívicos com programa organizado pelos alunos, a jogos e dramatizações em que a iniciativa e a colaboração das crianças possam aparecer e exercitar-se. Mais tarde, fundar-se-á então o Círculo de Pais e Professores e surgirão também os estatutos e os regulamentos, de acórdão, está claro, com a vida da escola. Tudo isto, porém, sem deixar de haver, todos os dias, um pequeno quarto de hora para os casos urgentes, como aliás, todos eles se denominam.

A título de exemplo prático destas afirmações, podemos citar a vida diária de uma turma de Jardim da Infância na antiga Escola de Aplicação. Tinha sempre, essa turma, tal seqüito de mães, que, estando nós, nessa época, na direção

da escola, nos víamos embaraçada em acomodar as senhoras que desejavam ficar para assistir a aula pela qual se interessavam sobremaneira, ou em convencê-las de que as crianças lucrariam em ficar sôzinhas com a professora e livres, assim, do desejo de mostrar à mamãe, a cada passo, o que tinham acabado de desenhar, recortar ou modelar.

Nunca tivemos dificuldade de obter a colaboração das mães. Acorreram tôdas pressurosamente a qualquer pedido. Lembramo-nos ainda de que, fazendo parte do programa do 3.º ano o preparo do chá, prontificam-se as mães, nessa mesma Escola de Aplicação, a fornecer, elas próprias, os bolos e os biscoitos, feitos — primorosamente aliás! por elas, bem como tôdo o serviço necessário para o café, o mate e o chá que as filhinhas, com imensa alegria, haviam preparado em aula, para oferecer às mestras.

Tudo está talvez essencialmente em que as professoras queiram o entendimento com as famílias, e, em particular, com as mães, sujeitando-se às vezes, é certo, por melhores e mais dedicadas que sejam elas — as mestras — a ouvir reclamações desarrazoadas, ou, até grosseiras, quando o filho é um aluno retardado; quando é um desajustado ou um inadaptado, difícil de orientar; ou quando, mesmo, se trata de um tarado que é preciso observar e corrigir. O coração das mães, nêsse caso, é quase sempre, cego e surdo, mas, infelizmente, em boa proporção, não é também mudo, e peca por dizer o que não deve.

Só quem não militou na tarefa do ensino, desconhece êstes precalços, tanto mais dolorosos quanto injustos. Muita lágrima provocada por fatos dessa ordem, já enxugamos nós professoras que nos mereciam a mais comovida admiração pela sua bondade abnegada e pela sua amizade cheia de carinho para com todos os alunos. Daí, dêstes dissabores, raros mas inevitáveis, a fuga de muitas professoras a um entendimento com os pais.

Outra causa do êxodo habitual do corpo docente ao Círculo de Pais e Professores é a pouca confiança que as mestras, em geral, depositam nessa instituição, por julgarem-na inútil.

Não lhes paga o trabalho de voltar à escola a escassa freqüência das reuniões onde — dizem elas — nada têm a fazer. Por outro lado, julgam-se desobrigadas de comparecer, uma vez que não fazem parte da diretoria da Associação. As que pertencem à Direção ou ao Conselho do Círculo, essas sim, dizem sempre, essas não devem, nem podem faltar.

Pensamos ter apontado, com as considerações acima, as falhas que, a nosso vêr, apresentam os Círculos de Pais e Professores, como também as que oferece em regra, a colaboração entre a escola e a família. Tal cooperação — exigência imperiosa das correntes educacionais modernas — vem, não o esqueçamos, em apoio da doutrina católica quando preceitua pela palavra de Leão XIII, "que o poder dos pais é de tal natureza, que não pode ser nem suprimido nem absorvido pelo Estado, porque tem o mesmo princípio comum com a mesma vida dos homens".

CONCLUSÕES

1.º — A cooperação dos pais impõe-se para a eficiência da obra educativa da Escola.

2.º — Para obter, pedagógicamente, a colaboração dos pais é necessário interessá-los na vida normal da escola, perfeitamente integrada como deverá estar a técnica educacional moderna.

3.º — Por serem de responsabilidade direta do professor os métodos de ensino e a administração geral da escola, não cabe aos pais procurar intervir em tais questões de natureza especializada e completamente independentes das atribuições da família.

O aprendizado da ortografia

ALCINA LANA

Método — O aprendizado da ortografia na escola atual difere bastante do mesmo aprendizado na escola antiga, em que era feito através da leitura, sem constituir um estudo sistematizado. Hoje o ensino da ortografia obedece a uma seqüência, devendo ser feito diariamente, em períodos curtos de tempo, adotando-se listas com dificuldades ortográficas, que orientam a professora na classificação e seleção das palavras a serem ensinadas. O treino das palavras só é eficiente quando se mantém rigorosamente dentro do vocabulário infantil. Assim o fim exclusivo do ensino da ortografia é formar a imagem motora automática das palavras do vocabulário da criança.

No ensino da ortografia temos que considerar a ortografia corrente e a gramatical. Chamamos "corrente" a ortografia das palavras escritas isoladamente. Ex: casa, livro, caderno, etc. Chamamos "gramatical" a ortografia das palavras na sentença, dependendo sua forma da relação existente entre elas. Ex: Carlos e João *tem* 2 livros de história. Maria ofereceu flores a professora. Muitos *ratinho estava* roendo o queijo.

No ensino da ortografia empregamos dois métodos: um baseado na percepção auditiva, e outro, na percepção visual.

Usamos o primeiro quando há perfeita correspondência entre o som e a escrita da palavra, como — bola, capa, mamão, etc; e o segundo, quando não há esta correspondência exata, como — crescer, homem, pequeno etc.

Diariamente deve a professora fazer um treino de ortografia na sua classe.

As aulas devem ser curtas, de 7 a 10 minutos no máximo, estudando palavras isoladas de acordo com os grupos de dificuldades ortográficas. Copiar muitas vezes uma palavra maquinalmente é exercício que a psicologia educacional reprova, por ser de pouca vantagem para o progresso em ortografia. Um bom processo é atrair a atenção da criança, focalizá-la, fazendo-a ver a palavra escrita, ouvi-la, pronunciar-la, e, por fim, escrevê-la.

Verificação — Semanalmente ou quinzenalmente, para medir a automatismo da ortografia das palavras ensinadas, a professora dará um teste.

O controle sistemático da ortografia deve ser feito sobre três processos:

- a) pelo ditado de palavras isoladas;
- b) pelo ditado de pequeno trecho;
- c) pela composição da criança.

A melhor medida, a mais eficaz, é a obtida pela composição, porque dá, realmente, o melhor desenvolvimento ortográfico da criança. Nela poderemos apreciar o automatismo da ortografia, visto que a atenção de quem escreve está inteiramente focalizada no sentido daquilo que escreve.

A verificação pelo ditado também é necessária, porque no ditado podemos incluir determinadas dificuldades ortográficas aprendidas, o que não nos é possível fazer em uma composição. No ditado a atenção fica dividida entre o sentido do trecho e a ortografia corrente das palavras. Usamos, finalmente, a verificação pelo ditado de palavras isoladas, porque esta visa, especialmente, a medir o automatismo da ortografia corrente.

Para ser eficiente um teste de ortografia deve ser elaborado tendo em vista os três processos citados.

Quando as crianças não são ainda capazes de redigir, usamos somente o ditado de palavras isoladas e de pequeno trecho ou história.

A professora deve dosar psicologicamente o teste, segundo a capacidade da classe. Poderá ditar umas 15, 20 ou 25 palavras dentro das dificuldades ensinadas e treinadas. Escolherá, de preferência palavras diferentes das usadas no treino, evitando seqüência de vocábulos da mesma dificuldade por causa da lei da associação (semelhança de sons).

Pode incluir-se maior número de palavras de determinada dificuldade, se se quer verificar melhor a aprendizagem de tal dificuldade, e mesmo incluir palavras estudadas, anteriormente, porque temos a tendência para esquecer o que não repetimos sempre.

Os erros dos testes devem ser submetidos a um *drill* (exercício intensivo das palavras) associando-se outras palavras que apresentam a mesma dificuldade.

Ex: queijo (a criança escreveu "quejo"). Ensina-se a ortografia correta desta palavra, associando-a a outras com o mesmo som: queijadinha — queijaria — queimada — queimadura — queima etc.

Nas classes de 1.º ano a verificação deve ser mais freqüente. Depois de ensinar a ortografia de 3 ou 4 palavras, deve fazer-se a verificação. No fim da semana far-se-á a verificação de todas as palavras estudadas durante a mesma.

Para estímulo na aprendizagem os resultados devem ser conhecidos pelos alunos. Para isto, deve fazer-se um gráfico geral com o número de palavras acertadas por aluno, pois é mais psicológico mostrar o lado positivo na aprendizagem, evitando-se o lado negativo.

Seria interessante à professora orientar as crianças na confecção de gráficos individuais, pois eles dão uma visão geral do progresso do aluno no mês.

Ditado como treino. Usa-se o ditado para treinar a ortografia gramatical, isto é, ortografia das palavras ligadas em um sentido. Por ex: flexões verbais, crase, plurais em ão, ães, ões, concordância, flexões de certos substantivos como os casos em il, ol, el etc.

O ditado teve, outora, muito valor, caiu, depois como

a cópia. Hoje vai adquirindo novo valor que é o de verificação e o de treino de certas capacidades de ortografia.

Trechos a ditar — Na escolha dos trechos para o ditado, precisamos observar certos característicos necessários, a fim de se conseguir os objetivos previstos — seja o de verificação, ou de treino. Isto porque se os trechos ditados, não forem rigorosamente escolhidos, não servirão nem como medida, nem como treino, pois que outros elementos neles incluídos desvirtuariam sua finalidade, ou por estarem acima da capacidade lingüística das crianças, ou da sua compreensão.

Por isso, os trechos devem ser curtos e artísticos, girando em torno de pequena história de assunto interessante. As vèzes podem ser mais longos (não excedendo de 8 a 10 linhas). Mas a estrutura das sentenças, bem como as categorias gramaticais devem estar dentro dos casos de linguagem que a criança usa.

Por exemplo, um trecho para o 1.º ano não deve conter pronomes oblíquos (no-la, deu-lh'as etc.) nem flexões verbais difíceis como as do imperativo, subjuntivo e outras. Os verbos e os pronomes incluídos serão os de casos mais comuns e da linguagem corrente: presente, pretérito perfeito e imperfeito do modo indicativo, particípio presente e passado, infinito.

Os casos de subjuntivo devem ser treinados depois que a criança tiver certo amadurecimento, ou melhor, no segundo ano.

Devem, ainda, os trechos conter casos de dificuldades ortográficas que se têm em vista no treino ou na verificação.

Apresentação do trecho: A lei da predisposição é uma das leis que estimulam em nós o desejo de agir. O problema capital no ensino, é pois, suscitar na criança uma atitude favorável ao trabalho que deve realizar. Quer dizer, provocar uma reação favorável, necessária ao aprendizado. Aprender é reagir a determinada situação. A intenção ou o propósito do individuo o predispõe ou indispõe

para a ação. Cabe à escola utilizar-se da lei da predisposição para incentivar na criança o desejo de realizar bem o seu trabalho.

Na apresentação do trecho irá a professora predispor as crianças, dizendo algo sobre o mesmo que desperte interesse, desejo de conhecê-lo, escrevê-lo e até de guardá-lo, incluindo-o na coleção de trechos escolhidos. Assim dirá o nome do livro, do autor, salientando o cunho artístico do trecho escolhido.

Ditará por unidades de pensamento, isto é, por porções de sentido, não repetindo palavras, para que as crianças adquiram a capacidade de reter o que ouvem.

Não permitirá perguntas em meio do ditado, avisando de início que quando não ouvirem bem uma palavra, saltem-na.

Recomendará, igualmente, às crianças que não repitam palavras ou frases porque podem prejudicar a seqüência de idéias dos colegas.

A pontuação deve ser dada em todos os casos, porque tem evoluído muito, principalmente na literatura. Pode mesmo, dar-se o ditado com a finalidade de ensinar-se a pontuar.

Terminado o ditado, deverá a professora dar às crianças oportunidade de relê-lo e de corrigir os erros antes de entregá-lo, escrevendo a forma certa nas linhas abaixo.

Comentará, ainda, o ditado com a classe, salientando as expressões bonitas, as melhores estruturas dos períodos, e o vocabulário mais escolhido do mesmo, podendo os alunos copiá-los, em seus caderninhos de "expressões bonitas".

Correção do ditado — Para ser eficiente será feita em classe e nunca longe das crianças. Deve ser sugestiva e interessante. Na correção o que favorece é o trabalho da criança. Depois de a professora explicar com clareza quais os erros, cada aluno corrigirá os cometidos, fazendo ela, em seguida, verificação do trabalho.

Como corrigir o ditado ?

Podem prever-se os erros que certamente aparecerão, pois, sabe-se de antemão, quais as palavras que apresentam maiores dificuldades no trecho escolhido. Deve, então, indagar-se das crianças como escreveram tais palavras, podendo elas escrevê-las no quadro ou dizê-las por sílabas.

Individualmente a correção seria impossível.

Se o erro for de ortografia gramatical, a professora pedirá um exemplo relativo a êle, perguntando por que razão deve ser assim, lembrando a regra gramatical, mas de acôrdo com as possibilidades da compreensão da criança, e conforme o programa da série que cursa. Por exemplo, os erros de crase devem ser explicados alguns no 3.º ano, outros no quarto ano, série em que as crianças devem aprender quando usar a crase e por que usá-la. Em aulas de linguagem tomará êsses erros e ensinará a forma correta.

Este é um dos meios para corrigir ditados feitos com o objetivo de treinar a ortografia.

Ditado como medida: Vimos que a verificação da aprendizagem da ortografia deve ser feita pelo ditado de palavras isoladas ou de pequeno trecho. A criança escreverá errado ou acertará por acaso sempre que não compreender o sentido do trecho.

Aqui o ditado visa a medir o automatismo da ortografia, corrente e gramatical.

A correção deve ser feita do seguinte modo:

a) nas palavras adquiridas pela percepção visual há sempre um erro apenas — a palavra tôda. Cada palavra constitui um erro, pois que se a criança erra é por que a imagem mental não foi bem formada. Houve falha na percepção visual, por falta de atenção, ou de treino suficiente para a aquisição da imagem mental exata. Assim, erros nas palavras crescer — nascer — exemplo, etc.

b) nas palavras adquiridas pela percepção auditiva, marcam-se os erros por sílabas. Haverá, portanto tantos erros, quantos forem os sons errados. Ex: capacete (*ga-pa-se-te*) temos 2 erros.

Deverão também, ser anotados os erros de ortografia gramatical, como — o plural das palavras, concordância, flexões verbais.

Os erros de ortografia gramatical serão corrigidos não em aulas de ortografia, mas nas de linguagem, pois são erros de gramática. Em alguns têm-se, às vêzes, que esperar o desenvolvimento da criança, o amadurecimento de seu pensamento, para corrigi-los.

O ditado como treino deve ser feito periódicamente.

Como medida para verificação da aprendizagem, será tanto mais freqüente quanto menor for o desenvolvimento da classe.

Como dirigir as aulas de leitura oral e silenciosa

LEONILDA SCARPELLINI MONTANDON

Sendo a leitura o meio mais poderoso para o indivíduo adquirir e aumentar sua cultura, devem os professores, na escola primária, dedicar-lhe um cuidado especial, desenvolvendo em seus alunos todos os hábitos e habilidades necessárias a um bom leitor.

Despertar na criança a vontade e o prazer de ler; habitua-la a apanhar com rapidez e inteligência o sentido de um trecho qualquer, tornar-lhe a leitura corrente e agradável. — eis os objetivos que devem ter em vista, no desenvolvimento de suas aulas.

Entretanto, para se alcançarem tais objetivos, necessário se torna modificar um pouco os processos ainda em uso no ensino da leitura.

Assistindo a inúmeras dessas aulas, observei que, em geral, decorrem num ambiente passivo, monótono e enfadonho, sem que logrem interessar as crianças, enriquecer-lhes o cabedal de conhecimentos e corrigir-lhes os defeitos de leitura.

Para que as aulas de leitura percam esse caráter formal que ainda têm em nossas escolas e se tornem eficientes, interessantes e desejadas pelas crianças, aconselho às professoras experimentarem os planos que se seguem, e que já estão sendo executados, com êxito, em alguns dos nossos estabelecimentos de ensino primário: — Completa orientação e su-

gestões magníficas se encontram em: “Como se ensina a leitura”, de Pennell e Cusack, livro que toda professora deve possuir.

Leitura silenciosa

I — O material da leitura silenciosa deve ser desconhecido da classe e, de preferência, de tipo informativo.

II — Usar como matéria de leitura silenciosa: a) trechos literários; b) trecho do livro de leitura; c) trechos da História do Brasil; d) trechos de Geografia; e) trechos de ciências naturais; f) problemas aritméticos, etc.

III — São os seguintes os passos a serem observados numa aula de leitura silenciosa:

I — Preparação:

a) dar a conhecer à classe o objetivo que se tem em vista, motivando a lição;

b) fazer, previamente, todos os avisos necessários, como sejam: — Leiam com atenção ! Não movam os lábios ! Peçam explicação quando sentirem dificuldade ! Levantem o lápis quando terminarem ! etc., etc.

II — Realização:

Pode-se fazer em material variado, no quadro, no livro, ou em folhas de papel. E' leitura silenciosa:

a) responder a uma série de questões;

b) ler o trecho globalmente e dar a idéia principal;

c) interpretar, resumindo, o trecho dado, por escrito;

d) completar sentenças;

e) ordenar logicamente, de acordo com o sentido, uma fábula, um trecho pequeno, em que as sentenças estejam em desordem;

f) grifar sentenças, cujo sentido seja idêntico ao de sentenças contidas no trecho lido;

g) transcrever de memória, interpretando, o trecho de leitura que mais apreciou.

Durante a leitura, os alunos que encontrarem expressões difíceis, palavras cujo significado desconheçam, devem pedir ao professor as explicações necessárias.

III — *Comentário:*

Após a leitura silenciosa, o *comentário* deve ser feito, de modo a provocar a leitura oral de certos trechos; o julgamento ou crítica; o conhecimento do grau de compreensão do aluno, etc., etc.

IV — *Testes:*

Podem ser semanais, com o objetivo de, não só verificar o desenvolvimento da classe, como de dar-lhe *nota*.

V — *Levantar gráficos com o resultado obtido:*

Considerando-se a leitura silenciosa, como o tipo mais perfeito de leitura e de maior valor, pelo seu uso constante em tôdas as situações que levem o indivíduo a ler, devem os professores exercitá-la freqüentemente, em suas classes, procurando formar certos hábitos, como sejam: a) ausência do movimento dos lábios; b) boa extensão de percepção; c) concentração da atenção; d) domínio completo da mecânica da leitura; e) movimentos corretos dos olhos, etc., etc.

Leitura oral

No desenvolvimento da lição de leitura oral, atenda o professor às seguintes observações:

A) — Procure conhecer bem o grau de desenvolvimento, em leitura, de seus alunos, dividindo-os em turmas, conforme as deficiências notadas, a fim de dar-lhes exercícios especiais e adequados.

B) — Cuide com firmeza e constância da formação dos seguintes hábitos, exigidos na leitura oral:

- a) domínio completo da mecânica da leitura;
- b) compreensão rápida e justa do trecho lido;
- c) leitura corrente, com boa inflexão de voz;
- d) observância dos sinais de pontuação;
- e) pronúncia correta e clara das palavras;
- f) boa posição do livro e do corpo;
- g) uso correto dos instrumentos de leitura.

(Prefácio — Índice — Erratas — etc.).

C) — No desenvolvimento do seu plano de leitura, tenha sempre em vista:

- a) um objetivo bem definido;
- b) uma boa motivação;
- c) uma eficiente realização;
- 1) dar explicações prévias das dificuldades;
- 2) fazer sempre, antes da leitura oral, a leitura silenciosa;
- 3) provocar, por meio de questões, a leitura oral;
- 4) corrigir os erros cometidos de modo hábil e oportuno, não interrompendo nunca a leitura para tais correções;
- 5) tornar o comentário vivo, variado e interessante;
- d) um material bem escolhido (trechos movimentados, diálogos, humorísticos, interessantes, etc.).
- D) — Procure aplicar os conhecimentos adquiridos na leitura (vocabulário, idéias, expressões, etc.), em outras situações.

E) — Façam um teste semanalmente, para medir o desenvolvimento da classe em: a) rapidez; b) mecânica; c) compreensão. (Levantar gráficos com os resultados obtidos).

F) — Mantenha o Clube de Leitura em bom e eficaz funcionamento.

G) — Organize, com cuidado, a biblioteca da classe, a fim de contar com um material variado e interessante, de modo que a leitura não se faça, exclusivamente, no livro adotado.

TRANSCRIÇÕES

Psiquiatria infantil

LEONÍDIO RIBEIRO

A Psiquiatria infantil tem por objeto o estudo dos distúrbios mentais da criança, desde o nascimento até a puberdade. Sua importância tem sido reconhecida e proclamada nos recentes congressos científicos da especialidade, motivo por que foi criada, na Faculdade de Medicina de Paris, uma cadeira especial para o ensino da matéria, sendo a primeira que se instala numa universidade oficial. Seus cursos foram agora inaugurados pelo professor Geoges Heuyer, que acaba de publicar um volume sobre o assunto. (1).

Convivi com esse grande mestre, por ocasião dos últimos congressos internacionais de Criminologia e Psiquiatria reunidos na Europa, depois da guerra, e este livro vem confirmar a impressão pessoal que formara a respeito de seu alto valor profissional. As perturbações mentais que se observam na criança — afirma o professor Heuyer — não podem ser descritas em relação a um estado psicologicamente normal. Pode-se mesmo afirmar, de um modo paradoxal, que a criança normal é aquela que não apresenta distúrbios mentais, pois o critério para sua avaliação é de ordem puramente social. Um menor deve ser considerado como normal, sempre que possa adaptar-se, espontaneamente, ao meio em que vive. Para tanto, é preciso atender a dois requisitos essenciais: não ser nocivo e apresentar possibilidade de prover às necessidades próprias.

Tudo isso em função do conceito moderno de que o in-

divíduo não deve prejudicar ao seu semelhante, dentro da comunidade. As relações sociais entre os homens, seus direitos e deveres, são fixados de acordo com as necessidades provisórias de um povo, numa determinada época. A moral não é o produto isolado e artificial da inteligência humana, ligada como está aos sentimentos que não poderão ficar separados dos instintos que os animam. Existe um grupo interdiário de indivíduos chamados por Dallemagne de anti-sociais, nos quais não existem as qualidades afetivas que permitem o desenvolvimento da sociabilidade, especialmente por causa do sentimento de egoísmo exagerado, consequência da incapacidade afetiva de adaptação. É imprescindível descobrir certas taras estruturais, mal informações em enfermidades físicas, criando-se assim uma situação difícil para os pais e educadores.

Tendo em vista que a principal finalidade da educação é preparar a criança para viver futuramente no seu meio, quando for adulto, explica-se esta definição, de autoria do professor Heuyer, resumindo o objeto dos estudos da Psiquiatria infantil: "as crianças cujas insuficiências de atitudes, perturbações de caráter e defeitos de comportamento, de origem hereditária ou adquirida, criam uma situação difícil para sua própria educação".

A Psiquiatria infantil tem, portanto, um polo médico, porque os sinais psíquicos estão associados aos sinais orgânicos, morfológicos, viscerais e neurológicos, isto é, somato-psíquicos. Mas o problema dos biótipos humanos constitucionais ainda não pôde ser inteiramente resolvido, por sua natural complexidade. O estudo das crianças inaptáveis, é inseparável da genética. Cada indivíduo tem em si um substrato positivo baseado na própria estrutura constitucional. Mas o seu conhecimento não basta para se fixar um prognóstico definitivo, porque para bem apreciar o caráter e o temperamento de uma pessoa, assim como a evolução dinâmica de sua vida, é preciso colocá-la dentro do meio onde vai sofrer as mais variadas influências, reagindo desta ou daquela maneira, sempre com um conjunto de atos e atitudes imprevisíveis. As contribuições psicanalíticas vieram

vivificar a Psiquiatria infantil, resolvendo os problemas nos quais os elementos individuais estavam estreitamente associados às condições afetivas do meio. O complexo mãe-criança é fundamental, no desenvolvimento físico e intelectual de cada ser humano. O papel do pai e de capital importância. De sua atitude, que deve reunir a autoridade com a doçura, depende o êxito ou o fracasso da identificação da criança, isto é, de sua primeira manifestação de autonomia.

A medicina psico-somática demonstrou que muitos estados orgânicos, ou funcionais, tais como anorexia, diarreias, asma, são a consequência de desequilíbrios afetivos de origem familiar. Filhos dos mesmos pais, nem sempre se parecem, apesar de serem criados no mesmo lar e com idênticos carinhos. É que alguns deles permanecem estranhos uns aos outros, chegando alguns ao ponto de se odiarem, como Caím em face de Abel. Tudo se agrava, porém irremediavelmente, quando os pais não se entendem, sobre seus próprios problemas e discordam a respeito dos métodos de educação a dar a seus filhos.

O estudo das condições do meio familiar é que vai favorecer os elementos para a explicação dos desvios do comportamento da criança. As estatísticas universais revelam que cerca de oitenta a noventa por cento dos menores delinquentes provém de lares desajustados. A adaptação social da criança está, pois na dependência de vários fatores: constituição hereditária, distúrbios afetivos devidos ao ambiente familiar ou ao meio escolar, sem contar a influência das condições econômicas em que vivem seus pais.

O organismo infantil é um todo e seu estudo, por isso mesmo, é difícil e complicado. Duas grandes tendências são irremovíveis: uma instintiva, forçando o indivíduo a reagir contra a ação agressiva do meio; outra devida à necessidade da assimilação ao meio para adaptar-se ao ambiente em que vive e assim poder transformar-se num ente social, isto é, em elemento útil à comunidade. A luta é constante e desigual, entre criatura ainda frágil, em face da hostilidade ou incompreensão do meio e, até às vezes, das próprias pessoas de sua família. Simpatia e aversão eis as duas atitudes na-

turais da criança, em face das circunstâncias favoráveis ou hostis do ambiente. Estas reações de oposição acarretam conseqüências diversas segundo as tendências e disposições de cada qual, variando entre a revolta e a indisciplina, até a depressão com fenômenos de concentração e autismo, isto é, manifestações de esquizoídia, ambas podendo levar a criança a deformar sua personalidade, impelindo-a para a prática de atos contra a moral e até de pequenos delitos.

Durante o período de crescimento, o indivíduo passa por uma fase crítica que exige cuidados e carinhos especiais, além de alimentação adequada. O abandono, nessa época, de um organismo delicado e em pleno período de desenvolvimento, poderá ter conseqüências funestas e definitivas, que irão ao extremo de prejudicar seu próprio destino. Há vários depoimentos de homens ilustres que documentam esta verdade. André Gide, que era um anormal, confessou numa das páginas de seu "Diário": "Na idade inocente em que se quer a alma toda transparência, carinho e pureza, eu só via, em torno de mim, confusão, deformidade e dissimulação". Lutero, criança doente e nervosa, foi recolhido a um convento, onde se tornou infeliz. Conseguiu, afinal, reagir e voltar ao mundo, para confessar que sua vida foi cheia de angústias, e só comparáveis a lenta agonia. Um dos críticos do famoso reformador afirmou que na educação absurda que recebeu do próprio pai, homem violento e atrabiliário, está a causa principal desse choque que lhe alterou a personalidade, transformando a sua vida em verdadeiro martírio.

Nas deficitosas condições atuais de vida dos povos civilizados é impossível pretender uma transformação radical da sociedade ao ponto de melhorar, em definitivo, o destino dos homens adultos.

Cuidemos, pois, das crianças doentes e anormais, desde a primeira infância, a fim de que elas possam adaptar-se ao meio em que irão viver, no futuro. A Psiquiatria infantil está aparelhada com os meios técnicos para realizar obra útil e eficiente no preparo de uma humanidade melhor.

(I) Introduction à la Psychiatrie infantile. Prêses Universitaires de France, Paris, 1952.

Comportamento emocional das crianças

ROQUETTE PINTO

Do comportamento emocional das crianças em idade escolar e sua influência na aprendizagem tratou há pouco o Prof. Worth Osburn, da Universidade de Washington. Suas observações merecem ampla divulgação. Há muitas crianças que parecem retardadas, custam a aprender a ler, muito mais por culpa dos pais e dos educadores do que propriamente por insuficiência natural. E que nas crianças mais lerdas, menos vivas, dotadas de reações mais lentas, embora normais, surge por culpa do aqodamento dos pais, um verdadeiro "bloqueio emocional" que ainda mais retarda a aprendizagem. Não se deve esquecer que a capacidade normal de aprender não é a mesma em todos os indivíduos. E não adianta querer influir na velocidade, se as condições do indivíduo considerado exigem mais lentidão. Comparando o progresso dos outros pequenos da mesma idade, os pais deixam-se levar por um sentimento negativista de inferioridade de fato inexistente. E acabam transmitindo, mesmo sem querer, tal sentimento de inferioridade que vai perturbar mais o garoto no seu esforço habitual. Assim aparece "o bloqueio emocional", que precisa ser levado em conta. A criança começa a ter medo, entrega-se à desconfiança, descrê do seu próprio valor. Se é um pequeno "introverso" facilmente se refugia no mundo dos seus próprios sonhos; pode acabar num sanatório. Se é um "extroverso" — ergue-se contra os mestres, reage como pode e muitas vezes acaba na cadeia. Que fazer com as crianças que, sendo normais, apresentam-se lerdas, lentas, demoradas? Osburn aponta dois processos

técnicos que têm dado bons resultados nesses casos. O primeiro consiste em libertar a criança, durante algum tempo, do estudo da leitura, dando-lhe como tarefa um trabalho que ela possa executar bem e com prazer — (desenho, pintura, jardinagem, trabalho manual, etc.). Com o bom desempenho da sua tarefa livra-se o pequeno da penosa sensação de inferioridade, "ganha alma nova". Então volta-se ao estudo da leitura. O segundo processo é uma espécie de psicanálise em resumo: o pequeno é levado a exprimir as suas queixas, dificuldades encontradas, etc.. Osburn conclui que o fracasso do garoto na escola é tão importante para a família quanto o fracasso do pai nos negócios. E é mesmo.